

APRESENTAÇÃO

INFÂNCIAS CONTEMPORÂNEAS E EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS, SINGULARIDADES E POTENCIALIDADES

O presente dossiê reúne discussões que perscrutam as intersecções entre as infâncias e a Educação, problematizando suas singularidades e especificidades à luz das dinâmicas contemporâneas. Parte do entendimento de que o conceito de infância é plural e recebe efeitos pelas representações culturais que circulam em diversos espaços e artefatos, como filmes, revistas, programas de televisão, redes sociais, livros, documentários, músicas, entre outros. Essas representações refletem e constroem os sentidos atribuídos à infância no tempo presente.

A criança, enquanto sujeito, e as infâncias, enquanto construções etárias, constituem-se como conceitos histórica e socialmente situados, constituídos pelas contingências e racionalidades próprias de cada época. Esses constructos passaram a ocupar lugar de destaque como objetos específicos de atenção social, sobretudo a partir do Iluminismo e ao longo da modernidade ocidental. Caso existissem respostas definitivas para a indagação “o que é a criança?”, talvez a elaboração deste dossiê se tornasse desnecessária. Contudo, assim como as crianças, somos impulsionados por uma curiosidade epistemológica que nos move na direção da compreensão - sempre parcial - de um mundo plural e complexo. Assumir essa complexidade, sem a ambição de fixar significados estáveis, permite que a escrita se configure como espaço de emergência da diferença. Neste contexto, escrever não se restringe à busca por respostas corretas ou verdades absolutas; ao contrário, é mais produtivo experimentar sentidos, tensionar categorias e explorar possibilidades conceituais. A escrita, assim compreendida, torna-se uma prática de intensidade, capaz de engendrar pistas interpretativas e percursos teórico-reflexivos que emergem do entrelaçamento dinâmico entre pensamento e linguagem.

Mesmo ausente de definições objetivas, a criança pode ser compreendida como a expressão da inocência, do esquecimento, do jogo, da inventividade, da criação de novos mundos – e da destruição de todos eles. Ela significa o desbravamento, o improvisado, uma ciranda, a queda, uma pulsão afirmativa da vida, a descoberta, um movimento, a experimentação, o faz de conta, a fuga, os rabiscos sobre a parede outrora branca, o cantarolar que afasta o medo na escuridão. Crianças não são ‘meros’ arquivos de famílias ou esboços de adultos projetados pelas sociedades e seus regimes de verdade. Não são plantinhas que, sob o cuidado adequado, crescem previsivelmente conforme as expectativas. Tampouco podem ser reduzidas a um ser em formação, encarregado de encarnar os valores morais definidos pelos adultos.

A infância é compreendida como uma categoria social e geracional, constituída pelas relações históricas, culturais e políticas que envolvem as crianças e seus contextos. Ao invés de buscar uma essência ou uma verdade profunda sobre a infância, este dossiê propõe uma produção que se aproxima da heterogeneidade que caracteriza a construção das infâncias, ampliando o debate sobre suas especificidades e potências. Como aponta Carlos Skliar¹, é preciso escutar as infâncias em sua singularidade e multiplicidade, valorizando o “estar com” e as experiências compartilhadas. Escutar, assim, constitui-se como um exercício epistemológico que se inaugura a partir do reconhecimento de um abismo fundacional - um colapso nas certezas anteriormente sustentadas, as quais se mostram, em retrospectiva, como apoios provisórios e frágeis que desabam no próprio movimento do caminhar. Escutar, assim,

¹ SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**. Educare. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

é assumido como condição de vulnerabilidade ontológica, na qual a sensibilidade antecede qualquer forma de cognição estruturada. Trata-se de uma escuta que se inscreve no tremor da linguagem, sugerindo, paradoxalmente, que o silêncio - ou a suspensão da fala - poderia configurar-se como o pré-requisito para que algo de fato aconteça na relação com o outro e com o mundo.

Assim, é imperativo libertar a criança das forças de controle estrito, que justificam a suposta necessidade de civilizar a “criança animalesca” e suas paixões. Estas, frequentemente percebidas como opostas à racionalidade, são vistas como algo a ser domesticado e convertido em afetos operacionais, adequados às convenções sociais. Contudo, as paixões infantis, em sua intensidade e vitalidade, carregam um virtual transformador que desafia e expande os limites das estruturas adultocêntricas.

O corpo infantil constitui um território constantemente disputado pelas forças dominantes que operam em prol da manutenção das normas vigentes. Contudo, o corpo da criança também se apresenta como um espaço de resistência. Essa resistência implica um processo de desconstrução e invenção, no qual emergem possibilidades distintas e alternativas ao estabelecido. A criança enfrenta uma miríade de forças que buscam capturá-la por meio de expectativas predefinidas: tornar-se médico ou advogado, alcançar o sucesso, casar-se, formar uma família heteronormativa, entre outras imposições sociais.

Tanto a escola quanto a família, em geral, perpetuam modelos inflexíveis de princípios, valores e conhecimentos, que evidenciam a constante desconexão entre essas instituições e a complexidade da vida como ela se manifesta. A criança não se encaixa nas normas nem nas regras preestabelecidas. Ela escapa, transgride e encontra modos próprios de existir. É flexível, fluida e inventiva, explorando caminhos próprios ao invés de se submeter aos padrões impostos. Nesse sentido, o brincar da criança é marcado por singularidade e liberdade. Ela brincar em estado de êxtase, movendo-se de forma espontânea e frenética, sem se preocupar com os julgamentos ou olhares externos que possam recair sobre sua brincadeira. A brincadeira expressa uma potência inventiva que abre brechas na normatividade, afirmando a vitalidade e a resistência que são inerentes ao ser infantil.

A criança emerge no instante em que o dever cede lugar à potência do devir. Toda criança é um devir. Com o colapso das normas estabelecidas e a suspensão das expectativas impostas pelos adultos, a criança experimenta a existência em sua plenitude. Para ela, tudo se apresenta como novidade. Trata-se de um percurso, uma trilha ou um itinerário previamente traçado? Não exatamente. Não há mapas prescritos, guias que definam rotas, ou manuais que estipulem condutas diante das situações vividas. A criança é, sobretudo, aquela que cartografa passos rumo ao inexplorado, construindo (des)caminhos nos movimentos, em sua incessante busca pelas potências latentes nas aventuras inéditas que se desenrolam. É imperativo conceder espaço à criança que habita em cada sujeito – aquela que não detém todas as respostas, mas, justamente por isso, é capaz de formular as perguntas mais instigantes e fundamentais.

Com isso, este dossiê propõe uma abertura ao questionamento e à desconstrução de verdades, acolhendo perspectivas teóricas plurais que possibilitam a exploração das infâncias em suas múltiplas dimensões. Trata-se de pensar, a partir de Walter Kohan², as infâncias como espaços de perguntas e possibilidades - um convite à reflexão filosófica sobre a existência, o conhecimento e as relações - em que a curiosidade das crianças nos desafia a repensar nossas certezas e a abrir caminhos para novos modos de compreender o mundo e a nós mesmos. As infâncias não são apenas uma etapa da vida, mas um modo de ser que nos

² KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e filosofia: ensaios sobre a experiência de pensar com crianças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

provoca a acolher o desconhecido e a cultivar a potência do perguntar como exercício filosófico.

Que este dossiê seja um convite para (re)pensar com as infâncias, ampliando nossa compreensão sobre as relações entre infância, cultura e educação, em direção a abordagens mais plurais e potentes. Que possamos aprender com as infâncias e com os tempos que elas inauguram.

Organizadores do Dossiê

Prof. Dr. Adilson Cristiano Habowski³

Profa. Dra. Cláudia Inês Horn⁴

Prof. Dr. Cleber Gibbon Ratto⁵

³ Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões/Universidade La Salle. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5378-7981>

⁴ Universidade do Vale do Taquari. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1612-2067>

⁵ Universidade La Salle. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9059-728X>